

AS PRÁTICAS DE MICROCRÉDITO PRODUTIVO EM UMA EMPRESA DE RECICLAGEM DE PAPEL DO PÓLO INDUSTRIAL DE MANAUS

Autoria: Ana Flávia de Moraes Moraes, Armando Araújo de Souza Júnior

Resumo

Em um ambiente caracterizado por significativas diferenças e desigualdades sócio-econômicas, no qual uma parcela da população de baixa renda dificilmente tem acesso ao sistema financeiro tradicional, fortalece-se o sistema de microfinanças que tem por finalidade prover os cidadãos de diversos serviços financeiros, dentre os quais empréstimos, poupança e seguros. Neste sentido, o termo microfinanças significa o fornecimento de empréstimos, poupanças e outros serviços financeiros especializados para pessoas carentes, usualmente excluídas do sistema financeiro tradicional. As instituições especializadas nesse tipo de serviço, denominadas Instituições de Microfinanças (IMF), se apresentam como um instrumento de redução da pobreza, ao cumprirem sua missão social. A necessidade de acesso de populações de baixa renda a serviços financeiros tem ganhado tanta relevância que a ONU (Organização das Nações Unidas) estabeleceu o ano de 2005 como o Ano Internacional do Microcrédito. O presente trabalho, de cunho teórico-empírico, tem o objetivo de descrever, através da metodologia qualitativa, as práticas de microcrédito produtivo implantadas por uma empresa do subsetor de papel, papelão e celulose, localizada no Pólo Industrial de Manaus-Amazonas (PIM). O levantamento de dados legitimou-se através de um estudo de caso de natureza qualitativa, com uma abordagem descritiva. O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semi-estruturada, com o objetivo de, a partir da experiência individual dos entrevistados, explorar qual a percepção dos mesmos acerca do benefício concedido pela empresa na operacionalização de suas atividades produtivas. Para tanto, foram entrevistados 12 catadores de papel que utilizam o microcrédito produtivo disponibilizado pela empresa. Os 12 entrevistados foram informados do verdadeiro objetivo da pesquisa e tiveram o anonimato e a confidencialidade de seus relatos garantidos, sendo os mesmos escolhidos por conveniência. Após a realização das entrevistas, foram realizadas as transcrições correspondentes e, por fim utilizou-se a Análise de Conteúdo como técnica para sistematizar as informações coletadas. O estudo pôde concluir que houve uma iniciativa inédita no PIM através da oferta do serviço do microcrédito, pois a empresa objeto desse estudo vem conseguindo alavancar as suas atividades produtivas, com melhorias significativas na qualidade de seus produtos e nos níveis de estoque de aparas, bem como fortalece sua imagem perante a sociedade amazonense ao estimular, de forma sustentável, a atividade dos catadores de papel. Destaca-se, dentro do microcrédito produtivo, a possibilidade de financiar pessoas ou grupo de pessoas que não possuem garantias e nem acesso ao sistema financeiro tradicional. A iniciativa da empresa, além de garantir as suas operações, contribui para a preservação do meio-ambiente e proporciona melhores condições de vida a milhares de pessoas que, direta ou indiretamente, se beneficiam de suas atividades produtivas. Das conclusões emergiram novas questões, as quais poderão vir a compor futuras pesquisas sobre microcrédito produtivo.

1. Introdução

Nos últimos anos, a questão do acesso de populações de baixa renda a serviços financeiros tem sido tema de destacada importância nos meios acadêmicos, bem como no debate sobre políticas públicas. Prova disso é a instituição, pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Ano Internacional do Microcrédito em 2005 e a escolha do senhor Muhammad Yunus, fundador do *Grameen Bank*, de Bangladesh, como Nobel da Paz em 2006.

Em sua fase inicial, as microfinanças eram praticadas exclusivamente pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs) especializadas e por alguns bancos como o *Bank Rakyat* (Indonésia), o *Grameen Bank* (Bangladesh), o *Kenyan Rural Enterprise Programme* (Quênia), o *Banco Sol* (Bolívia), entre outros. Eles desafiaram o tradicionalismo dos anos 70 e propuseram uma nova tecnologia creditícia. Essa tecnologia focada em empréstimos pequenos sem garantias, taxas de juros de mercado, negócios de curtíssimo prazo e uso do agente de crédito para ir ao cliente, demonstrou que a maioria dos pobres, geralmente excluídos do financiamento formal, pode, de fato, representar um nicho de mercado rentável para serviços bancários, com benefícios para a sociedade. (SOARES e SOBRINHO, 2008).

As iniciativas de microfinanças são vistas como o acesso da população de baixa renda a serviços financeiros, de forma sustentável. Sintetizando, o microcrédito desponta como fonte alternativa de recursos aos pequenos empreendedores, formais ou informais, e, ainda, como ferramenta auxiliar no combate à pobreza e exclusão social. Nesse sentido e como exemplo, o trabalho de Yunus e de seu banco traduz-se na concessão de créditos aos mais pobres, que se tornam seus acionistas. Assim, o conjunto de acionistas já soma 3,8 milhões de pessoas, sendo que 98% são mulheres. Essa predominância da clientela feminina caracteriza a importância da instituição financeira na luta pela libertação feminina em sociedades nas quais elas enfrentam dificuldades devido a seu sexo. (SOARES e SOBRINHO, 2008).

O presente artigo tem por objetivo descrever as práticas de microcrédito produtivo realizada por uma empresa do subsetor de papel, papelão e celulose localizada no Pólo Industrial de Manaus (PIM). A empresa pesquisada produz uma linha de papel higiênico, guardanapos, papel toalha e similares com papel e papelão 100% reciclados, que são coletados na cidade de Manaus e em seu entorno. É responsável pela geração de 150 empregos diretos e 3.500 empregos indiretos e está localizada em um bairro da Zona Norte da cidade de Manaus. As pessoas beneficiadas com o microcrédito produtivo são catadores de papel que trabalham individualmente ou em associações de catadores. O trabalho de coleta dessas pessoas é responsável por 60% de toda a matéria-prima processada pela empresa que tem capacidade instalada para reciclar até 20 toneladas de papel por dia.

Este trabalho está dividido em cinco partes, incluindo esta introdução. A primeira refere-se ao referencial teórico sobre o mercado microfinanceiro, o empreendedorismo e o pólo industrial de Manaus. A segunda parte descreve os procedimentos metodológicos que nortearam a realização da pesquisa qualitativa. Em seguida serão apresentados e analisados os resultados obtidos com a pesquisa aplicada e nas considerações finais serão apresentadas às conclusões e contribuições deste estudo.

2. Referencial teórico

2.1 O mercado microfinanceiro

Nos últimos 25 anos, as microfinanças têm sofrido um rápido processo de desenvolvimento e estruturação. Estima-se que mais de trinta milhões de pessoas têm acesso a

serviços microfinanceiros ofertados por mais de dez mil instituições especializadas. (SOARES e SOBRINHO, 2008).

No contexto do microcrédito, merece atenção especial à experiência do *Grameen Bank* (que significa “banco de aldeia”), a instituição criada por Muhammad Yunus para a concessão de créditos a pessoas de baixa renda. Isso porque os esforços de divulgação de suas idéias e experiências ao redor do mundo deram visibilidade ao microcrédito, a ponto de seu fundador ser agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, no ano de 2006. Diretor-executivo do banco, Yunus nasceu em Bangladesh em 1940 e estudou Ciências Econômicas em Nova Délhi. Posteriormente, ampliou seus estudos nos Estados Unidos com bolsas das instituições Fullbright e Eisenhower. Voltou a seu país em 1972 para dirigir o Departamento de Economia da Universidade de Chittagong. Foi nessa situação que se deu conta do abismo existente entre as teorias que ensinava e a realidade. Como economista, provou, com a criação do *Grameen Bank* em 1976, que, na atual organização da sociedade, a pobreza não existe por acaso ou como resultado de alguma incapacidade dos pobres em progredir. Esta é consequência da ordem social e econômica do mundo, regida por estruturas feitas para garantir o lucro de poucos pela prática de regras que transferem rendas dos mais pobres para os mais ricos. Detalhando a visão de Yunus, Sela *et al* (2006) caracterizam que,

Para Yunus, o crédito é uma arma muito efetiva na luta contra a pobreza. Pois é através do acesso ao crédito produtivo, que as pessoas excluídas do circuito financeiro tradicional podem desenvolver melhores condições sócio-econômicas, com dinamização de seus pequenos empreendimentos. O crédito é orientado para o desenvolvimento social ao contribuir para a expansão das atividades das pequenas unidades produtivas no contexto local. (SELA *et al*, 2006, p. 3)

O mercado de microfinanças no Brasil reveste-se de características próprias. Apesar de possuir um histórico que data de 1973, com a criação da primeira instituição de microfinanças (IMF) da América Latina, o setor das microfinanças brasileiro não experimentou o mesmo grau de crescimento de alguns países latino-americanos (BRUSKY e FORTUNA, 2002), apesar de as instituições de microcrédito apresentarem-se como um possível instrumento eficaz de redução da pobreza (MAZZUTTI, 2005). Berger (2006) citado por Yokomizo *et al* (2009, p.2), afirma que “o cenário ainda está longe do ideal. Identificar quais são as reais dificuldades enfrentadas para ao acesso dessa população a serviços financeiros é uma questão a ser respondida”. Para caracterizar o contexto brasileiro, Sela *et al* (2009, p. 5) explicam que “no Brasil, a importância do financiamento [...] justifica-se pela [...] quantidade de estabelecimentos de pequeno porte; crescimento do setor informal da economia; crescimento do desemprego e dificuldade de acesso ao crédito”. Nesse sentido, referenciando-se Carvalho e Abramovay (2004) e Pereira (2007), citados por Freitas *et al* (2009), entende-se que,

[...] o acesso dos empreendedores informais ao sistema bancário é bastante difícil. A precariedade de seus negócios e a situação de pobreza na qual estão inseridos os distancia de atender aos requisitos impostos pelo sistema financeiro tradicional para acessar fontes de financiamento. Para os empreendedores do setor informal muitas vezes ativos familiares e do negócio se confundem sendo difícil precisar a dimensão da atividade empreendedora, que é explorada com o objetivo principal de dar sustentação ao núcleo familiar. (FREITAS *et al*, 2009, p. 6).

Por outro lado, Yokomizo *et al* (2009), ao citarem Ferreira (2008), também esclarecem que,

[...] as iniciativas para a baixa renda, se bem conduzidas, atingiriam dois objetivos fundamentais e não excludentes: (i) excelente oportunidade de negócios, atingindo

um imenso nicho pouco explorado e (ii) grande impacto social, com transformações sociais na base da pirâmide. (YOKOMIZO *et al*, 2009, p.2).

É importante entender o sentido do termo microfinanças para facilitar a compreensão da finalidade desse tipo de serviço. Com esse propósito, Soares e Sobrinho (2008) explicam que,

O termo microfinanças, portanto, refere-se à prestação de serviços financeiros adequados e sustentáveis para população de baixa renda, tradicionalmente excluída do sistema financeiro tradicional, com utilização de produtos, processos e gestão diferenciados. Nessa linha, entidades ou IMFs são entendidas como aquelas pertencentes ao mercado microfinanceiro, especializadas em prestar esses serviços, constituídas na forma de Organizações Não-Governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscips), cooperativas de crédito, Sociedades de Crédito ao Microempreendedor e à Empresa de Pequeno Porte (SCMs), fundos públicos, além de bancos comerciais públicos e privados (principalmente por meio de correspondentes no País e de carteiras especializadas). (SOARES e SOBRINHO, 2008, p. 18).

Sela *et al* (2006) reforçam que,

O microcrédito nasceu da necessidade de se criar uma alternativa de crédito para pessoas físicas e jurídicas do setor formal e informal que, por vários motivos, se privam do acesso ao sistema bancário tradicional. Mas, mesmo assim, desejam montar, ampliar ou obter capital de giro para um pequeno negócio. O conceito de microcrédito nega algumas das principais características do sistema tradicional de crédito. Tradicionalmente, o crédito é fornecido baseado em garantias, solidez, patrimônio e tradição financeira do pleiteante ao crédito. Já o microcrédito é fornecido baseado, principalmente, na análise sócio-econômica do cidadão/cliente, realizada por agente de crédito. (SELA *et al*, 2006, p. 2).

Partindo desse argumento, pessoas físicas ou jurídicas, empreendedoras, necessitadas de financiamento, porém, sem disponibilidades ou garantias para oferecer nas operações financeiras, despertou a atenção da sociedade e da Academia. A partir de uma revisão na literatura, identificou-se um determinado conjunto de autores que desenvolvem e trabalharam a temática de microfinanças e microcrédito. Os autores identificados na Figura 1 não esgotam essa temática, apenas evidenciam parcialmente a intensidade com que o tema vem sendo trabalhado e pesquisado no meio acadêmico.

N.	Autor	Ano	Abordagem
1	Morduch	1999	Metodologias de oferta de crédito
2	Rutherford	2000	Mecanismos de poupança rotativa
3	Robinson	2001	Conceito de microcrédito e microfinanças
4	Helmes	2006	História do crédito
5	Monzoni Neto	2006	Serviços de crédito
6	Yunus	2006	Metodologia experimental de crédito do <i>Grameen Bank</i>
7	Barone	2002	Conceito de microfinanças
8	Ventura	2008	História do microcrédito

Figura 1: Mapeamento bibliográfico sumarizado sobre a temática do microcrédito.

Fonte: Os próprios autores.

Ainda torna-se também imprescindível o entendimento acerca do sentido e finalidade da atividade de microcrédito. Assim sendo, referenciam-se Soares e Sobrinho (2008) para entender que “[...] a atividade de microcrédito é definida como aquela que, no contexto das microfinanças, se dedica a prestar esses serviços **exclusivamente a pessoas físicas e jurídicas empreendedoras** de pequeno porte”. (SOARES e SOBRINHO, 2008, p. 19). Portanto, não se pode ignorar a importância do crédito como meio impulsionador da atividade produtiva. Por outro lado, é comum pensar que o acesso de pessoas de baixa renda a serviços financeiros por intermédio de uma IMF é um passo na trajetória evolutiva que leva essas pessoas a serem clientes de um banco.

De acordo com Brusky e Fortuna (2002), no Brasil, o setor das microfinanças é dominado por um único produto: o crédito produtivo para microempreendedores, sob a forma de empréstimos financeiros, de valores variáveis entre R\$ 500,00 e R\$ 5.000,00, em geral por um prazo de oito a doze meses. Porém, as famílias de baixa renda, que constituem o grosso do mercado potencial das microfinanças, não são formadas apenas por microempreendedores e têm necessidades financeiras mais amplas que o crédito produtivo.

Com o intuito de proporcionar um acesso facilitado ao crédito para os pequenos empreendimentos, algumas instituições ou programas atuam diretamente na concessão de crédito popular no Brasil, que segundo Sela *et al* (2006), podem ser enquadrados em:

- **Organizações de Sociedade Civil de Interesse Público (OSICs)** – Sua constituição está subordinada a aprovação do ministério da Justiça, e são, por definição, organizações sem fins lucrativos, o que as obriga a ter seu excedente operacional (bruto ou líquido aplicado integralmente na consecução do seu objetivo social).

- **As Sociedades de Crédito ao Microempreendedor** – São fiscalizadas pelo Banco Central. Para seu funcionamento, se faz necessário um patrimônio líquido de no mínimo 100 mil reais. As SCM's não podem desenvolver outras atividades que não estejam ligadas ao microcrédito.

- **As ONGs** - Podem ser categorizadas naquelas que trabalham unicamente com crédito e nas que além do crédito oferecem outros serviços. Operam sem um limite mínimo, podendo assim constituir instituições de menor porte.

- **Os programas governamentais** – São criados e gerenciados pelos governos municipais e estaduais, estando, portanto, vinculados às leis e normas dos Estados e Municípios.

- **As Cooperativas e as Linhas de Crédito Especiais dos Bancos Comerciais, principalmente Governamentais** – Este serviço está restrito aos cooperados e é apenas uma das modalidades de crédito trabalhadas pelas cooperativas, que frequentemente, também operam crédito para consumo.

2.2 O empreendedorismo estimulado pelo microcrédito

Como condição para que o empreendedorismo ocorra, as oportunidades devem estar presentes. Além, naturalmente, da capacidade para iniciar e gerenciar um negócio. Nas últimas décadas, a evolução do fenômeno do empreendedorismo intensificou-se em função das transformações econômicas, da redução dos postos de trabalho e da mobilização dos profissionais em busca de novos espaços para exposição de seus talentos. (FEUERSCHUTTE e ALPERSTEDT, 2008). Enfatizando tal contexto, Carton; Hofer; Meeks (1998); Fillion (2000) citados por Feuerschutte e Alperstedt (2008) explicam que,

Em 1800, Jean Batiste Say, reconhecido como “pai do empreendedorismo”, defendeu a idéia de que a criação de novos empreendimentos é que possibilitaria o desenvolvimento econômico de uma nação. Say argumentou que o processo

empreendedor permitia a transferência de recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento. Também para o autor o indivíduo empreendedor seria o que apresenta determinadas qualidades pessoais típicas, expressas em um comportamento inovador, voltado à busca por oportunidades que resultassem em lucro, ainda que sob o risco e a incerteza. (FEUERSCHUTTE e ALPERSTEDT, 2008, p. 2).

Considerar o empreendedorismo como uma competência ou um processo implica na consideração das definições de empreendedorismo. Tais definições são usualmente associadas a alguma forma de inovação ou comportamento inovador gerado por um indivíduo – ou por um grupo de indivíduos. Nesse sentido, a oferta de microcrédito se converte em uma estratégia de fomento ao empreendedorismo, já que o microcrédito pressupõe a existência de uma boa idéia de negócio e a ausência de possibilidade de acesso ao mercado financeiro para a concretização dessa idéia. É por isso que na literatura sobre o assunto, o microcrédito e o empreendedorismo são conceitos indissociáveis.

Valorizar a capacidade de iniciativa e criar o seu próprio emprego são algumas das diversas vantagens decorrentes da associação entre o microcrédito e o empreendedorismo, além de favorecer a dinâmica da atividade econômica. Assim sendo, o microcrédito é uma forma de arriscar um novo negócio, por exemplo. Recorrer ao microcrédito, nesse contexto, é ter uma idéia viável, mas não possuir o capital necessário para concretizar e/ou desenvolver o negócio. Foi à oportunidade que os catadores de papel objeto desta pesquisa tiveram ao serem beneficiados com uma política de microcrédito operacionalizada por uma empresa do PIM. Os catadores e a empresa pioneira na política de microcrédito serão apresentados em um tópico posterior.

Para endossar o raciocínio supra descrito, Bohnenberger *et al* (2007) destacam que,

O estudo do empreendedorismo tem atraído maior interesse nos últimos anos, principalmente em virtude da sua forte relação com o desenvolvimento regional. Com intuito de promover o comportamento empreendedor, unem-se governos, instituições de ensino e afins; investindo esforços e grandes quantidades de recursos financeiros. (BOHNENBERGER *et al*, 2007, p. 1).

Estimular o empreendedorismo através do microcrédito é uma alternativa para se estimular o desenvolvimento local e uma mudança social, já que o microcrédito é um modelo inclusivo, o que legitima o desenvolvimento social e econômico. Ademais, a vocação empreendedora não se sustentaria sem um suporte financeiro. Nesse sentido, as instituições de microcrédito se colocam como uma excelente alternativa para financiar empreendedores de pequenos negócios que possuem poucas garantias econômicas e conseqüentemente se tornam um “alto risco” para os bancos tradicionais. Machado (2010, p. 94) confirma que “o acesso ao crédito para o pequeno empresário encontra resistência nas agências bancárias”. Até porque estes empreendedores muitas vezes não são formalizados, não apresentam garantias tangíveis, possuem o “nome sujo”, entre outros determinantes que impossibilitam que estes sejam atendidos pelo sistema formal de concessão de crédito. O detalhamento dos catadores de papel confirmará parcialmente tais características.

2.3 O Pólo Industrial de Manaus

Segundo Bomfim e Botelho (2009), a concepção da Zona Franca de Manaus (ZFM) foi idealizada no final da década de 50, inicialmente como projeto geopolítico, com o objetivo de resguardar a soberania nacional na gigantesca região amazônica.

Na época, as atividades econômicas regionais se concentravam na Capital do Estado do Pará, na cidade de Belém e até então, a cidade mais importante da Amazônia. Abrigando a

maior população, o maior mercado consumidor e dotada de uma melhor infraestrutura, com um porto praticamente no Atlântico, e dispendo de ligação terrestre com o restante do país (rodovia Belém-Brasília), a cidade constituía irresistível pólo de atração de investimentos, inclusive os estrangeiros.

A ZFM foi criada pela Lei Nº 3.173 de 06 de junho de 1957, como Porto Livre. Dez anos depois, o Governo Federal, por meio do Decreto-Lei Nº 288 de 28 de fevereiro de 1967 ampliou essa legislação e reformulou o modelo, estabelecendo incentivos fiscais por 30 anos para implantação de um pólo industrial, comercial e agropecuário, instituindo, assim, o atual modelo de desenvolvimento. Este prazo foi prorrogado até o ano de 2007 por meio do Decreto Nº 92.560, de 16 de abril de 1986. Em 1998, por meio do Artigo 40 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal, o prazo foi prorrogado para até 2013. Em 19 de dezembro de 2003, por meio da Emenda Constitucional Nº 42, o modelo foi prorrogado até o ano de 2023 (SUFRAMA, 2010).

Como modelo de fomento da economia amazonense, a ZFM ampliou a cadeia de bens e serviços (local, regional e nacional) e irradiou influências positivas em toda a Amazônia, com reflexos favoráveis também em outros Estados, incluindo os localizados no Sul e Sudeste do país em decorrência do valor agregado à economia nacional, evoluindo até em sua denominação, hoje institucionalizado e reconhecido como Pólo Industrial de Manaus – PIM.

De acordo com dados do Relatório de Indicadores da SUFRAMA (2010), até novembro de 2009 o PIM contava com 568 empresas operando em 19 subsetores de atividade (subsetores ativos). O setor mais representativo é o segmento eletroeletrônico com 139 empresas ou 24,47% do total, seguido pelo subsetor de produtos e materiais plásticos com 86 empresas (15,14%). O subsetor de papel, papelão e celulose abriga 15 empresas que representam 2,64% do total de empresas sediadas no PIM.

3. Percurso Metodológico

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as práticas de microcrédito produtivo realizado por uma empresa do subsetor de papel, papelão e celulose localizada no PIM. Para atender a esse objetivo, a pesquisa foi estruturada a partir de um estudo de caso de natureza qualitativa, com uma abordagem descritiva (YIN, 1984; MINAYO, 2001; COOPER e SCHINDLER, 2003).

De acordo com Yin (2005), o estudo de caso é um método de pesquisa em ciências sociais e sua necessidade surge do desejo de se entender os fenômenos sociais complexos, apresentando como principal vantagem à compreensão profunda do fenômeno estudado.

Em um estudo descritivo de natureza qualitativa, podem-se expor as características de uma determinada população, analisar os fatos e fenômenos de uma realidade e buscar a descoberta ou a verificação de ligações entre determinadas variáveis (SELLTIZ *et al*, 1987; TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 2001).

Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos, como estudo de caso, experiência pessoal, entrevistas, dentre outros, que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Para esses autores, a pesquisa qualitativa é um campo de investigação que atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno da pesquisa qualitativa, podemos encontrar uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições de diversas fases da história da ciência moderna.

De acordo com Gil (2007), a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno e, concomitantemente, preocupa-se em identificar fatores que possam determinar ou que contribuam para a ocorrência de determinado fenômeno.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semi-estruturada. Como instrumento de pesquisa qualitativa, a entrevista permite segundo Rey (2005), um diálogo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa. As conversações geram uma co-responsabilidade devido a cada um dos participantes se sentirem sujeitos do processo, facilitando a expressão de cada um por meio de suas necessidades e interesses. Nesse processo, cada participante atua de forma reflexiva, ouvindo e elaborando hipóteses por intermédio de posições assumidas por ele sobre o tema de que se ocupa. Segundo este autor, o pesquisador, diante de cada resposta, pode reagir de várias formas, dependendo da sua criatividade e de seus objetivos na pesquisa.

Thiollent (1997) cita que a entrevista semi-estruturada, deve conter um pequeno número de perguntas abertas relacionadas com os problemas que foram julgados prioritários pelo pesquisador. Com o andamento da pesquisa, durante a fase de coleta de dados, tais prioridades podem ser redefinidas.

Durante a realização da pesquisa, focalizou-se o indivíduo de acordo com a perspectiva de Wilson (1995) em relação à percepção e a vivência dos indivíduos quanto a determinado fenômeno. Nesse sentido, é importante priorizar a experiência individual para explorar como os indivíduos interpretam o benefício concedido pela empresa na operacionalização de suas atividades. Foram entrevistados 12 catadores de papel que utilizam o microcrédito produtivo disponibilizado pela empresa. Os 12 entrevistados foram informados do real objetivo da pesquisa e tiveram anonimato e confidencialidade de seus relatos garantidos.

Os entrevistados foram escolhidos por conveniência. De acordo com Cooper e Schindler (2003), em uma amostra não probabilística por conveniência, o pesquisador seleciona os membros da população mais acessíveis e que são boas fontes de informação.

Após a realização das entrevistas e suas respectivas transcrições, foi utilizada a Análise de Conteúdo como método para promover a organização das informações coletadas durante as entrevistas.

Segundo Bardin (1995), a análise de conteúdo se define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações alicerçada no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto.

Para Bauer (2002) e Vala (2003), a análise de conteúdo também pode ser caracterizada como procedimento de fragmentação de textos com o objetivo de identificar regularidades.

Rodrigues e Leopardi (1999) conceituam a análise de conteúdo como um método que trabalha indispensavelmente com os procedimentos de classificação, codificação e categorização dos conceitos, e cuja intenção, segundo Bardin (1977), é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou de recepção na comunicação. Desta forma, o pesquisador deve-se orientar por um conjunto de decisões sobre tais conceitos, definindo-os de forma clara e objetiva, para não correr o risco de ora incluir um significado, ora outro, numa dada categoria.

Para a operacionalização do método, foi utilizada à proposta de Bardin (1977) que divide o processo em três etapas: (1) Pré-análise das entrevistas transcritas; (2) Exploração do Material e; (3) Tratamento dos Resultados.

Os encontros tiveram uma duração média de 15 minutos. Foram realizados em locais públicos e algumas entrevistas foram realizadas enquanto os entrevistados estavam realizando suas atividades de coleta de papel. Todas as entrevistas foram gravadas e depois de transcritas, geraram um documento de 35 páginas em papel tamanho A4, digitadas em fonte *Times New Roman*, tamanho 12, com espaçamento 1,5.

Inicialmente, foram coletados alguns dados categóricos que foram utilizados para caracterizar o perfil dos entrevistados. A amostra da pesquisa revelou uma idade média de 40,5 anos de idade; 58,33% são mulheres; 50% não sabem ler ou escrever não tendo nunca freqüentado uma escola; Dos 12 entrevistados, apenas 1 concluiu o ensino fundamental;

91,67% moram no mesmo bairro da empresa; 66,67% vivem matrimonialmente com um companheiro(a); dos que vivem matrimonialmente, possuem média 3,5 filhos; 75% nunca tiveram a carteira de trabalho assinada e; apenas 25% possuem casa própria; O tempo médio na atividade dos catadores entrevistados é de 7,3 anos.

4. Apresentação e análise dos resultados

4.1 Breve histórico da empresa e das práticas de microcrédito produtivo

O mercado potencial da cidade de Manaus-AM, o ritmo acelerado de seu crescimento e principalmente na mentalidade arrojada de seu fundador, apostando no futuro e em uma região afastada do centro comercial e das empresas do Pólo Industrial de Manaus, o proprietário da organização pesquisada investiu em um setor que é considerado um segmento de capital importante para a economia nacional.

Com quinze anos no mercado, a empresa, além de ter sido a pioneira em toda a Região Norte do país na produção de higiênicos com a utilização de matéria-prima 100% reciclada, além de contribuir para a conservação do meio-ambiente, contribui diretamente para a geração de renda para mais de 3.500 pessoas.

A utilização de matérias-primas recicladas (aparas de papel) é extremamente vantajosa, pois apresenta um consumo de energia inferior por tonelada, requer uma planta de efluentes muito menos sofisticada, além de não necessitar de investimentos na área de emissão gasosa. Também proporciona incentivos para que a população local venha a recuperar produtos, auxiliando a resolver um grave problema da sociedade moderna, que são os resíduos. Tais resíduos, transformados de lixo a renda, evitam o corte de áreas florestais.

A empresa está localizada em uma área de 22.200 m² com 20.450 m² de área construída. Utiliza equipamentos e instalações que garantem a produtividade sem agredir o meio-ambiente, durante todas as etapas de preparação, produção e destinação final dos resíduos.

A partir da escassez de aparas no mercado local e na região, os preços da matéria-prima elevaram-se e passaram a comprometer as operações industriais da empresa. O Pólo Industrial de Manaus estava sofrendo com os efeitos da crise de 2009 e, com a intenção de recuperar os seus níveis de estoque, a empresa passou a financiar as atividades dos catadores de papel através da concessão de pequenos empréstimos que tinham como objetivo estimular os catadores a aumentar a sua produtividade, com custo zero e a serem descontados, de acordo com cada negociação, nos valores que estes recebiam ao fornecer aparas de papel para a empresa.

A iniciativa superou as expectativas iniciais e, à medida que cada empréstimo ia sendo pago, o beneficiado(s) poderia(m) tomar outro empréstimo e, dependendo da configuração dos grupos de catadores, a empresa também passou a financiar a infraestrutura e a aquisição de equipamentos, também com custo zero e de forma parcelada.

4.2 Um novo olhar sobre o microcrédito produtivo

As mãos calejadas do trabalho duro, a roupa ensopada com suor que se mistura com a água das chuvas que caem na região durante o mês de Fevereiro e um rosto que, mesmo diante das dificuldades do dia-a-dia, conseguem esboçar um pequeno sorriso. Essas características não passam despercebidas, notadamente na de Maria (03):

(03) *“O meu trabalho é muito duro. Acordo de madrugada todo dia e deixo minha casa muito cedo, tem dia que não tomo nem café. Quando chove que nem hoje, o*

trabalho fica muito mais difícil ainda. O papel fica molhado e pesa mais. Como ainda não tenho um carrinho, uso esse saco grande para carregar o papel. Olha só como estou? Além de molhada, tô toda enlambuzada, minha calça é só lama. Não adianta muito reclamar da chuva, quando o sol tá fervendo, visse, acho pior ainda, a única coisa boa é que o papel não fica tão pesado senhor”.

Este fragmento de discurso (03), além de evidenciar a dura jornada de trabalho de um catador de papel, revela também a utilização de uma linguagem repleta de incorreções gramaticais. Maria (03), não sabe ler nem escrever. Começou a trabalhar aos 13 anos de idade em casas de família, não teve como estudar e, com o passar dos anos, optou por catar papel nas ruas da cidade, seguindo o ofício de seu companheiro Antônio (04).

(04) *“Cato papel desde 16 anos. Comecei esse trabalho logo quando cheguei aqui em Manaus. Eu sô do Maranhão. Tô com a empresa desde do começo. Trabalho mais de 12 horas por dia para conseguir catar uns 25 a 30 kilos de papel. Dá uns 2 sacos desse aqui moço. Quando completo o primeiro, deixo lá na associação e depois volto para catar mais. Prefiro catar papel misto, é fácil de achar aqui. É duro, mas compensa. Trabalhei uns tempos como carregador na Manaus Moderna. Lá o negócio não é mole não e a grana não era essa Coca Cola toda. Aqui consigo mais um pouco e também não tenho que pegar buzão. Minha mulher me ajuda muito, tenho um filho que ajuda de vez em quando. Ele tá estudando e quer ser motorista”.*

De fato, a expressão *trabalho mais de 12 horas por dia* reforça o relato de Maria (03) quanto à dura jornada de trabalho de um catador de papel. Na sua fala, Antônio (04) reproduz as dificuldades que um indivíduo possui para conseguir um emprego. A cidade de Manaus atrai milhares de pessoas de várias partes do Brasil todos os anos. Essas pessoas vislumbram no *eldorado* amazônico, a promessa de conseguirem melhores condições de vida e, principalmente, oportunidades de trabalho. Porém, ao chegarem a Manaus, se defrontam com as dificuldades que toda e qualquer grande metrópole possui. Morar em um bairro distante do centro da cidade implica em, pelo menos, 2 horas de ônibus até o centro da cidade, lugar onde Antônio (04) trabalhava antes de virar catador de papel.

Antonio (04) ao falar sobre o filho que estava estudando e que sonha em ser motorista, exhibe um olhar diferente, cheio de esperança quanto ao futuro do filho. Precisa da ajuda do filho para conseguir uma produtividade maior, porém, dentro de suas limitações, entende que a educação é a única forma de almejar melhores condições de trabalho e de oportunidades no futuro.

Assim como citado por Brusky e Fortuna (2002), o crédito para iniciar um pequeno negócio é um fator crítico de sucesso para os microempreendedores. Poucos são os que dispõem de capital de giro necessário para garantir a operacionalização de suas atividades, principalmente, quando nos referimos a um grupo de catadores que acabam de se reunir para fundar uma associação de catadores, como fica evidenciado notadamente na fala de José (10):

(10) *“Nóis somos 12 catadores. Antes cada um catava o seu papel e levava direto para a empresa. A empresa emprestava até R\$ 200,00 por catador. Ajudava, mas esse valor não dava para fazer muita coisa não. Nóis usava esse valor pra comprar sacos, tesouras, e navalhas para preparar as aparas. Agora, nóis pode emprestar até R\$ 3.000,00 de cada vez. Já tamo no terceiro empréstimo. Com o primeiro, nóis fizemos a cobertura da área que fica atrás do meu quintal para guardar o papel, conseguimos pagar esse em apenas 2 meses. Com o segundo, nóis compramos uma prensa usada. Com a prensa, conseguimos ganhar mais espaço e fica mais fácil também guardar e transportar o papel até a empresa. Quando tem muito papel prensado e a empresa está precisando de apara, ela manda até o caminhão pegar*

aqui. Com esse novo empréstimo, vamos fazer umas bancadas para separar, classificar e preparar as aparas para depois prensar”.

Neste fragmento de discurso (10), fica evidente a importância do microcrédito produtivo para os grupos de catadores que fornecem aparas para a empresa. Além de propiciar investimentos na melhoria da infraestrutura de trabalho, possibilita ganhos de produtividade e de qualidade. A empresa adota a mesma sistemática do *Grameen Bank*, no sentido de direcionar capital em forma de empréstimos para um catador ou grupos de catadores de papel de baixa renda.

Um novo empréstimo só pode ser liberado após a pessoa ou grupo de catadores realizarem a liquidação do empréstimo anterior. Diferentemente das práticas adotadas por algumas iniciativas de bancos populares, a empresa desconta os valores financiados a cada entrega de aparas. A cada entrega, 10% do valor financiado são descontados do pagamento do catador ou grupo de catadores. O prazo médio de pagamento dos empréstimos tem média de aproximadamente 2 meses. Alguns conseguem liquidar o empréstimo dentro do próprio mês em que realizaram o empréstimo, conforme explicou o Diretor Administrativo Financeiro da Empresa. Quanto antes liquidarem o empréstimo, mais rápido tem direito a outro. Por outro lado, a busca por um novo benefício faz aumentar a produtividade dos catadores de papel e garantem o abastecimento de aparas.

“A partir da criação desse mecanismo de empréstimo, não tivemos nenhuma parada da máquina de papel por falta de matéria-prima. Bom para a empresa e, principalmente para os catadores”, reforça o Diretor Administrativo Financeiro da Empresa.

Cecília (9) já está no sétimo empréstimo:

(9) “Antes de ser catadora de papel, eu era babá da filha de uma vizinha minha. Aqui no bairro todos conhecem a empresa. Tenho uma vizinha que já trabalhava para a empresa e, numa das nossas conversas, ela me falou que tirava até R\$ 800,00 por mês. Achei que fosse mentira, mas ela me mostrou R\$ 300,00 que tinha acabado de receber da empresa por uma semana catando papel. Esse valor eu recebia em um mês inteiro de trabalho. Passei um tempo pensando e resolvi também virar catadora de papel. No começo, fiquei pensando no que as pessoas iriam falar de mim. Hoje, não ligo não para essas coisas. O que importa é que ganho bem mais do que antes. Minha vida está mudando. Com os empréstimos, já comprei 2 carrinhos de coleta”.

Cecília (9) é uma mulher jovem, cursou até o 1º ano do ensino médio. De certa forma, se pronuncia bem, não abre mão da maquiagem quando está trabalhando e, como os demais catadores de papel que abastecem a empresa, ressalta a importância do microcrédito produtivo para a aquisição de carrinhos coletores. O carrinho coletor além de aumentar a capacidade de coleta, reduz o esforço físico dispensado durante a coleta.

Outro aspecto que se destacou na entrevista de Cecília (9) foi o fato da entrevistada ter abandonado um trabalho que não requeria esforço físico, não precisava caminhar quilômetros e quilômetros todos os dias. O fato de poder aumentar a sua renda foi fundamental. O tempo necessário para optar pelo novo ofício revela, de certa forma, o preconceito que algumas pessoas possuem em relação a algumas profissões, como a de catador de papel.

Josefa (12) trabalha com o esposo e com os 3 filhos, há 2 anos como catadora de papel. Conseguiu comprar um carro há 3 meses, conforme relato:

(12) “Se não fosse esse meu trabalho, eu não conseguiria ter a vida que tenho. Na minha rua, só minha família possui carro. Não escondo de ninguém o meu trabalho. Já consegui meu quinto empréstimo junto à empresa. Apreendi em um curso que fiz

lá que não deve utilizar o dinheiro dos empréstimos para as coisas de casa. Isso faço direitinho (risos). Aprendi também um monte de coisas sobre papel”.

Neste fragmento de discurso (12), fica evidente a importância da capacitação técnica dos catadores de papel. Além de garantir a qualidade da apara a ser fornecida, os catadores de papel também recebem orientações de finanças pessoais em cursos ministrados periodicamente pela empresa. De acordo com Rieche e Santos (2006), o acompanhamento técnico é fundamental para a correta utilização dos recursos financeiros concedidos.

(1) *“Com os empréstimos, nosso grupo de catadores passou a produzir mais. Hoje, conseguimos catar quase 2 toneladas de papel por semana”.*

(2) *“Eu não pertencço a nenhum grupo de catadores atualmente. Porém, eu to pensando em criar um. A empresa empresta até R\$ 3.000,00 para compra de equipamentos. Aqui na rua tem muitas pessoas que catam papel, quem sabe agente consegue formar um grupo?”.*

(5) *“Eu já trabalho a uns 6 anos catando papel. Tudo o que eu cato eu vendo para a cooperativa de papel que tem próximo de casa. Como eu tenho 51 anos de idade, já não consigo carregar muito peso. Através da cooperativa, eu consegui R\$ 200,00. Com esse dinheiro, eu já encomendei um carrinho [...]”.*

Na análise dos fragmentos dos discursos de Raíssa (1), Helen (2) e Rafael (5), os entrevistados reproduzem explicitamente o discurso da lógica do microcrédito (SOARES e SOBRINHO, 2008), proporcionar o investimento em equipamentos e instrumentos de trabalho para aumentar a produtividade (MARTINS e LAUGENI, 2006).

Um dos argumentos mais comuns para justificar o pouco interesse por empréstimos é o elevado valor das taxas de juros (BRUSKY e FORTUNA, 2002). Segundo esses autores, a questão da taxa de juros é mais complexa do que, à primeira vista, possa parecer, posto que as pessoas continuam a recorrer a serviços, como os dos agiotas, que cobram juros mensais até superiores a 20%, prática essa muito comum para quem não tem acesso a fontes oficiais de empréstimos. Heloisa (7), Sâmia (8) e Juarez (11) relatam suas experiências anteriores:

(7) *“Meu nome está no SPC. Consegui um empréstimo no Banco e não consegui pagar. Sou pobre mais não sou ladra. Vou trabalhar bastante e pagar essa conta. Hoje consigo ganhar até R\$ 700,00 por mês. Todo mês consigo ainda R\$ 200,00 em empréstimo que uso para melhorar o meu trabalho. Aonde é que eu iria ganhar essa grana?”.*

(8) *“Eu não tenho nem conta em banco. Com os empréstimos, eu consigo dinheiro pra pagar uma parte do papel que eu compro de outros catadores. Com isso, consigo aumentar a quantidade de aparas que eu entrego toda semana na empresa”.*

(11) *“A pior coisa que fiz na vida foi pedir dinheiro emprestado de um agiota que mora perto de minha casa. O cara vivia me perseguindo cobrando o empréstimo. Demorei quase 1 ano para pagar, mais paguei. Não devo nada para aquele [...]. Comecei a catar papel ano passado e, 3 meses depois de começar a trabalhar na cooperativa de papel que tem aqui no bairro, consegui meu primeiro empréstimo e, sem juros. Toda entrega que a cooperativa faz na empresa ela paga uma parte do empréstimo e desconta de nós”.*

Nos fragmentos de discurso (8 e 11), Sâmia e Juarez retratam a realidade de milhões de brasileiros que não tem acesso ao crédito oficial. No caso de Juarez, teve de recorrer a um agiota para conseguir dinheiro emprestado. Além de pagar taxas elevadas de juros, teve de

conviver quase um ano com cobranças, perseguições e até mesmo passar por situações vexatórias.

Heloisa (7) conseguiu um empréstimo em um banco, porém, está com o nome no SPC devido a sua incapacidade de pagar o empréstimo efetuado. Mesmo conseguindo crédito em uma instituição oficial, não conseguiu se livrar das altas taxas de juros praticadas pelas instituições financeiras, principalmente quando se trata de pessoas de baixa renda. Mesmo sendo uma região que concentra uma população de baixo poder aquisitivo e distante do centro da cidade de Manaus, percebeu-se a existência de 3 financeiras nas imediações da área comercial do bairro, fato este que demonstra a demanda por esse tipo de financiamento na região.

Em comum nos discursos de Heloisa (7), Sâmia (8) e Juarez (11) está a esperança de conseguirem superar suas dificuldades com os valores que são financiados pela empresa. O microcrédito produtivo possibilita aumentar o volume coletado e, conseqüentemente, aumenta a renda dessas pessoas.

Assim como citado por Jackson e Islam (2005), os provedores de microfinanças devem estabelecer mecanismos de controle, baseados no desenvolvimento dos sistemas de regulação e supervisão. Não basta apenas disponibilizar crédito produtivo sem uma sistemática de monitoramento, assim como acompanhamento técnico contínuo junto aos beneficiados conforme trecho da entrevista de Manoel (6):

(6) “Sou membro de um dos maiores grupos de catadores do bairro. Temos mais ou menos 100 catadores de papel que trabalham a semana toda, inclusive nos finais de semana. Conseguimos no final do ano passado (2010), um empréstimo de R\$ 8.000,00 que foi utilizado para a reforma e ampliação de nosso galpão. Com esse dinheiro, foi possível aumentarmos a nossa área de preparação das aparas. Hoje, conseguimos processar e vender para a empresa algo em torno de 120 toneladas de aparas por mês. Dependendo da produção individual, tem gente que consegue tirar até R\$ 1.000,00 por mês. [...] uma vez por semana, vem uma pessoa da empresa aqui no galpão para acompanhar o nosso processo. Ele verifica tudo. Quem entra no grupo, tem que passar por um treinamento lá na empresa. Isso fez que com a qualidade de nossa apara melhorasse e, conseqüentemente, reduzimos a quantidade de cola e umidade no papel”.

No fragmento de discurso de Manoel (6), o apoio técnico contínuo que o grupo recebe da empresa possibilita melhorias no processo de separação e preparação das aparas. A ausência de cola nas aparas garante a continuidade do processo final de reciclagem, melhora a qualidade do papel e evita paradas desnecessárias no setor de conversão da empresa. Por outro lado, as visitas técnicas semanais também são destinadas ao acompanhamento dos investimentos que o grupo está realizando com o capital recebido da empresa. Além do acompanhamento, os membros do grupo recebem apoio e aconselhamento em finanças.

Os dados da pesquisa, quando analisados sob a ótica do microcrédito, revelaram uma iniciativa inédita no PIM. Além de possibilitar o fomento das atividades dos catadores de papel, a empresa vem conseguindo alavancar as suas atividades produtivas, com melhorias significativas na qualidade de seus produtos e nos níveis de estoque de aparas. Por outro lado, fortalece sua imagem perante a sociedade amazonense, principalmente, por estar localizada em uma região da cidade de Manaus cujo perfil psicográfico é de baixa renda e com inúmeros problemas sociais.

5. Considerações finais

A partir do fortalecimento de uma camada desamparada na sociedade, sem direitos, e sem condições de oferecer garantias às instituições financeiras tradicionais, o microcrédito

produtivo apresenta-se como o motor principal dentro das microfinanças. O microcrédito, como mecanismo de financiamento que dispensa garantias reais, e que, justamente por essa característica, permite o acesso mais rápido por parte de quem necessita de um empréstimo, para os mais variados fins, apresenta-se, dentro do contexto do Pólo Industrial de Manaus, como uma alternativa inovadora para alavancar um setor que contribui diretamente para a preservação do meio-ambiente e que gera milhares de empregos diretos e indiretos na periferia da cidade de Manaus.

Este trabalho proporcionou um maior conhecimento da prática de microcrédito produtivo em um subsetor do PIM, pois ao conceituarmos a atividade de microcrédito como sendo aquela que, no contexto das microfinanças, dedica-se a prestar serviços financeiros exclusivamente a pessoas físicas e jurídicas empreendedoras de pequeno porte, tradicionalmente excluídas do sistema financeiro tradicional, legitimamos a iniciativa da empresa objeto desta pesquisa, pertencente ao segmento de papel, papelão e celulose.

A iniciativa de empresa consiste em uma ótima oferta de serviços e empréstimos aos catadores de papel, culminando em uma mudança nos padrões sócio-econômicos de toda uma comunidade. Esta iniciativa, decorrente de uma ação planejada e legitimada pelo arcabouço técnico da própria empresa, possui um horizonte bem explorado por promover a sustentabilidade do negócio da empresa e, especialmente, do grupo de catadores, revertendo uma situação delicada em seu ambiente de negócios devido à escassez de aparas em uma iniciativa inédita na região.

As práticas de microcrédito produtivo implantadas por essa empresa de reciclagem de papel do PIM expressam a sua preocupação com questões de responsabilidade social e ambiental. Convertem-se ainda em um esforço para se corrigir imperfeições sociais, favorecendo a redução da pobreza e da exclusão social. Ainda é importante destacar que essas práticas são acompanhadas por outros serviços que permitem àquelas pessoas beneficiadas administrarem de uma melhor forma os seus ganhos e ativos, tais como treinamentos sobre orçamento doméstico.

A empresa também direcionou esforços no que tange ao acompanhamento técnico junto aos catadores e aos grupos de catadores que se beneficiam com os empréstimos. Periodicamente, os beneficiados recebem a visita de um técnico da empresa que além de orientar tecnicamente o processo de preparação de aparas, fornece orientações sobre a correta utilização dos recursos.

O estudo também remeteu-nos a novas inquietações, que poderão ser objeto de futuras pesquisas, tais como: (1) a oportunidade de desenvolver um enfoque nos empreendedores de baixa renda como, no caso desta pesquisa, os catadores de papel, traria resultados recompensadores em outros subsetores do PIM? (2) se mudasse o corpo diretivo desta empresa, as práticas de microcrédito continuariam a ser fomentadas?

6. Referências

BAUER, M.W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1995.

BARONE, Francisco M. et al. **Introdução ao microcrédito**. Brasília: Conselho da Comunidade Solidária, 2002.

BOHNENBERGER, M. C.; SCHMIDT, S.; FREITAS, E. C. A Influência da Família na Formação Empreendedora. In: ENANPAD, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2007.

BOMFIM, R.; BOTELHO, L. **Zona Franca de Manaus: condicionantes do futuro.** Manaus: Editora Valer, 2009.

BRUSKY, B.; FORTUNA, J. P. **Entendendo a demanda para as microfinanças no Brasil: um estudo qualitativo em duas cidades.** Relatório Técnico. 2002. 65 p.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração.** 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, I. S. Introdução: a disciplina e pratica da pesquisa qualitativa. In: **Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

FEUERSCHUTTE, S. G.; ALPERSTEDT, G. D. Empreendedorismo e Competência: um ensaio sobre a complementaridade e a convergência dos construtos. In: ENANPAD, 32, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2008.

FREITAS, A. A. F.; RIBEIRO, R. C. L.; BARBOSA, R. T.; PATRÍCIO, E. A. O Potencial Empreendedor de Empreendedores Informais Clientes de Programas de Microcrédito: uma avaliação sob as perspectivas de capital humano e gênero. In: ENANPAD, 33, 2009, São Paulo. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HELMS, Brigit. **Access for all: building inclusive financial systems.** Washington: Consultative Group to Assist the Poor. The Worldbank, 2006. 170 p.

JACKSON, K. E.; ISLAM, T. **Regulation of Microfinance NGOs: general reflections and the case of Bangladesh.** International Journal of Rural Management. I(I), 2005. Disponível em <http://www.sagepublications.com>. Acesso em 27 de fevereiro de 2011 às 21:45.

MACHADO, J. P. **Empreendedorismo no Brasil 2009.** Curitiba: IBQP, 2010.

MARTINS, P. G.; LAUGENI, F. P. **Administração da Produção.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MAZZUTTI, C. C. de T. P. da C. **Microfinanças no Brasil: afinal, existe um trade-off entre o foco na pobreza e a sustentabilidade financeira?** 2005. 191f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Economia. UFRGS, Porto Alegre.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MONZONI NETO, Mário Prestes. **Impacto em renda do microcrédito**. Tese de Doutorado em Administração Pública e Governo apresentada à FGV/Escola de Administração de Empresas de São Paulo. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 194 f.

MORDUCH, Jonathan. *The Microfinance Promise*. Journal of Economic Literature. v.37, n.4, dez. 1999.

PINHEIRO, M. A. H. **Cooperativas de crédito: história da evolução normativa no Brasil**. 6ª. Ed. Brasília: Editora do Banco Central do Brasil, 2008.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e Subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Thompson Learning: São Paulo, 2005.

RIECH, F. C.; SANTOS, L. P. R. dos. **Investimentos em Pequenas e Médias Empresas com Elevado Potencial de Crescimento: critérios de seleção dos capitalistas de risco**. Rio de Janeiro: Revista do BNDS, v. 13, N. 28, p. 89-114, DEZ 2006.

ROBINSON, Marguerite S. *The microfinance revolution: sustainable finance for the poor*. Washington, DC: World Bank, 2001.

RODRIGUES, M. S. P.; LEOPARDI, M. T. **O Método de Análise de Conteúdo: uma versão para enfermeiros**. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999.

Rutherford, Stuart. *The Poor and Their Money* Oxford University Press, 2000.

SELA, V. M.; SELA, F. E. R.; COSTA, S. C. A Importância do Microcrédito para o Desenvolvimento Econômico e Social: um estudo sobre as contribuições proporcionadas pelo Banco do Povo de Maringá aos tomadores de microcrédito. In: ENANPAD, 30, 2006, Salvador. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2006.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais: medidas nas pesquisas sociais**. Volume 2. 2. ed. . São Paulo: EPU, 1987.

SOARES, M. M.; SOBRINHO, A. D. de M. **Microfinanças: o papel do Banco Central do Brasil e a importância do cooperativismo de crédito**. 2. Ed. rev. amp. Brasília: Editora do Banco do Brasil, 2008.

SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS. Disponível em: <<http://www.suframa.gov.br>>. Acesso em: 06/03/11 às 09h45min.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALA, J. A Análise de Conteúdo. In: A.S. Silva; J. M. Pinto (Orgs.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 12 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2003. p. 101-128.

VASCONCELOS, F. C. de.; OFENHEJM, A. M.; KUNDA, G. Desenvolvimento, Mudança Cultural e a Formação do Comportamento Empreendedor Um Estudo de Caso. In:

ENANPAD, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2007.

VENTURA, Eloy Câmara. **A evolução do crédito: da antiguidade aos dias atuais**. Curitiba: Juruá, 2008.

WILSON, D. *A Strategy of Change*. GB: Routledge, 1995.

YIN, R. K. *Case Study Research: design and methods*. Beverly Hills: Sage, 1984.

_____. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YOKOMIZO, C. A.; DINIZ, E. H.; CHRISTOPOULOS, T. P. Tecnologias de Informação e Comunicação na Oferta de Serviços Financeiros para a População de Baixa Renda: os correspondentes bancários do Banco *Lemon*. In: ENANPAD, 33, 2009, São Paulo. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2009.

YUNUS, Muhammad. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Editora Ática, 2006.